

UM OLHAR OUTRO

Terá a Igreja, ou os cristãos, o direito de se pronunciar sobre as eleições? Claro que sim: quem a constitui são cidadãos de pleno direito, que pagam impostos e o seu olhar «específico», como crentes e seguidores de Jesus, tem igual legitimidade que todos os outros grupos que constituem a nossa sociedade plural.

Deve fazê-lo? Depende das circunstâncias e do modo como o podem fazer. Eu prefiro, e assim o proclamo: os cristãos devem inclusive candidatar-se para levar os valores evangélicos à nobre arte da política. Mas não entro nas lutas partidárias nem explico o meu sentido de voto. Entretanto, num país democrático em que a matriz ideológica de cada força concorrente tem ainda o seu lugar, porque há-de estar proscribida a matriz cristã das candidaturas, quando estas se propõem servir munícipes e fregueses que, maioritariamente se confessam cristãos? Se os candidatos não se propõem servir os cristãos, a quem se propõem servir nesta cidade e concelho de Barcelos?

Quando há dias uma das forças concorrentes à União de Freguesias me visitou, tive ocasião de exprimir o meu apreço pelo gesto e apresentar-lhes algumas necessidades que, penso eu, têm sido descuradas. E deles, como de todos os outros, espero comportamentos que dignifiquem a causa pública: no governo ou na oposição, quem se candidata assume compromissos para com os eleitores, a quem se propuseram servir.

Tinha mesmo pensado dirigir aos «futuros autarcas» uma «carta aberta» para chamar a atenção para certas omissões que podem tornar-se mais gravosas. Olhamos para a nossa cidade: que monumentos religiosos fazem parte da sinalética para quem nos visita? E o visitante procura, normalmente, a Igreja Matriz, o Senhor da Cruz e a Igreja do Terço. Impõem-se por si, como monumentos históricos e património religioso que os autarcas devem cuidar, em parceria com as instituições religiosas que os gerem. São sinais identificativos de um povo que tem uma história na qual o fenómeno religioso sempre foi relevante. Haja a coragem de olhar com respeito para o nosso passado, não ter vergonha dele e preservá-lo para o transmitirmos, acrescido, aos vindouros. E não se diga que, subsidiando entidades e património religioso, se está a tomar partido favorecendo uns em detrimento de outros. Seria uma visão demasiado mesquinha e indigna de um regime democrático, discriminando uns por razões ideológicas. Representantes de populações religiosas católicas, os padres não pedem privilégios mas também não permitem que os esqueçam ou se lembrem apenas deles para funerais e procissões. Por outro lado, é reconhecido que o fenómeno religioso, que acompanha a história da Humanidade, é dos mais relevantes para a harmonia no tecido social e para o equilíbrio pessoal dos cidadãos. Não deixem, senhores futuros autarcas, para os padres e agentes eclesiais a tarefa impossível, porque sem meios humanos e materiais adequados, de fazer milagres no que toca ao alimentar a espiritualidade, ou equilíbrio interior, de cada pessoa, em favor da qual dizeis trabalhar. Três breves apontamentos, a terminar este meu «olhar»:

1. Do Correio do Minho (passado dia 6): «O autarca famalicense assumiu que fica satisfeito 'quando damos contributos que são tidos como impulsos à construção de uma verdadeira comunidade, e este (remodelação do adro da igreja de Lemenhe) é claramente um deles. Os territórios precisam cada vez mais de espaços, para que as pessoas possam estar num contexto de proximidade».

2. Por sua vez, o bispo de Lamego: «Tenho dito aos políticos que aqui vêm falar e falar comigo: façam esta experiência da proximidade às pessoas e da visita aos locais mais isolados para decidir não só com base em 'relatórios e papéis».

3. O Papa Francisco, na Fratelli Tutti (176, 186, 197...) dá ideias para um bom político: Por exemplo: A política é caridade. Alguém ajuda um idoso a atravessar um rio. O político constrói uma ponte. A política é mais nobre do que a aparência, o marketing, as diferentes formas de maquilhagem mediática.

As melhores perguntas de um político: «Em que fiz progredir o povo? Que marcas deixei na sociedade? Que laços reais construí? Que forças positivas desencadeei? Quanta paz social semeiei? Que produzi no lugar que me foi confiado?...

P. Abílio Cardoso

ORAÇÃO PELA NOSSA TERRA

Deus Onnipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas,
Vós que envolveis com a vossa ternura
tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.
Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.
Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos
profundamente unidos com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.
Obrigado porque estais connosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.

Carta Encíclica Laudato Si', 24/5/2015

*O primeiro passo
para mudar o mundo
é mudando nós mesmos*



INAUGURAÇÃO DO ÓRGÃO E ILUMINAÇÃO DA MATRIZ

O Conselho Económico convida todos os paroquianos a participar na celebração de bênção do novo órgão da Igreja Matriz, que nos foi oferecido. Ao mesmo tempo iremos apreciar a nova iluminação do corpo da Igreja, que foi toda refeita. Será no dia 2 de Outubro, com início às 18.30. Será um momento solene, com coro e orquestra e espera-se que ao menos todos aqueles que fazem parte dos diversos grupos e confrarias se sintam na obrigação de estar presentes.

Ano XVII - Nº 37 - 12 de Setembro de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Que Cristo abandonamos? Que ou quem ocupa o lugar vago?

A pergunta do próprio Jesus, dirigida aos apóstolos, é sobre o que dele dizem. Desinteressado das respostas em nome dos outros, Jesus pede a resposta pessoal dos mesmos. E Pedro ousa a resposta pronta em nome de todos.

No domingo passado, usei deixar uma pergunta inquietante à assembleia: que Cristo abandonou o nosso tempo, a nossa cultura, até mesmo os cristãos de hoje? Sim, diante de uma reconhecida debandada, que aflige e questiona, é sempre mais fácil dizer que só parte quem não faz falta. A verdade, porém, é que há responsabilidade na situação actual da parte da Igreja, da parte de cada um de nós, cristãos. Que testemunho credível damos nós para que os «de fora» desejem entrar e os que saíram se arrependam e voltem?

Olhemos de novo o texto de Mc. 8, 27-35. Diz-nos ele que Jesus, após a confissão de Pedro reconhecendo-O como Messias, «começou a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito, de ser rejeitado... de ser morto e ressuscitar três dias depois». Perante este anúncio, eis-nos diante de um Pedro escandalizado e contestatário. Reprendido por Jesus, eis que surge a grande sentença dirigida a todos os que O ouviam: «Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me». Dirigida também a nós, hoje e sempre.

Tem lugar aqui a pergunta inicial: Que Cristo abandonamos? É que, como Pedro, também nós nos escandalizamos, procuramos um Cristo porreiro, que pague bem os «favores» que pensamos estar a fazer-Lhe indo à missa, ou rezando. Pobres de nós! Esse Cristo não existe e é mesmo preciso abandoná-lo. Para seguirmos o verdadeiro, Aquele que convida a aprender a levar a Cruz de cada dia, aquela em que, queiramos ou não, haveremos de morrer um dia. Uma cruz que, amada como Ele fez, nos trará a glória da ressurreição. Então, aprendamos como Pedro a aceitar não o Cristo das minhas fantasias ou sonhos, garantia de conseguir os meus interesses, mas o Cristo verdadeiro que vem dizer o autêntico Ser de Deus, que procuramos, e a via segura de O encontrarmos: no amor concretizado em gestos para com os nossos irmãos. Aliás, é mesmo isso que se ouve nos primeiros tempos da Igreja, expresso de um modo tão belo por São Tiago (2, 14-18): «A fé sem obras é morta». Pelo que crer em Jesus, seguir Jesus, implica um estilo de vida em conversão permanente ao estilo de vida de Jesus. Em contraste com as mil maneiras inventadas ao longo dos tempos - cada um encontra as suas ao longo da vida - para vivermos dizendo-nos cristãos, mas «não praticantes» ou «ao jeito de cada um». Sejam honestos: cristãos, cada um ao seu jeito, mas todos em caminho para o jeito de Jesus.

O mesmo Jesus, reconhecido no servo sofrido do Livro de Isaías (50, 5-9a): desfigurado, cuspidor, batido, «sei que não ficarei desiludido... o Senhor Deus vem em meu auxílio».

Será que o nosso não abandono de Cristo revela esta confiança total nele e a sabedoria de O testemunhar com a vida, de modo a que muitos outros O desejem?

ORIGEM DA FESTA DA EXALTAÇÃO

1. A Igreja celebra no dia 14 de setembro a Festa da Exaltação da Santa Cruz. É sabido que a Igreja Mãe de Jerusalém rapidamente fez do Santo Sepulcro o seu primeiro e mais venerado lugar de culto. Na sua luta implacável contra o culto cristão, o Imperador Adriano (117-138), sobretudo nos últimos anos do seu reinado, transformou Jerusalém, em termos de edifícios e de moral, numa cidade de estilo romano, a Aelia Capitolina. Para tanto, soterrou o Santo Sepulcro e paganizou-o, estabelecendo ali cultos pagãos com a clara intenção de dissuadir os cristãos de continuar a frequentar esses lugares pelo temor da comunicatio in sacris. Assim, no lugar do Santo Sepulcro, pôs a estátua de Júpiter, e, no Calvário, pôs uma estátua de Vénus em mármore. O mesmo fez, de resto, em todos os lugares santos da Palestina. O projeto de Adriano não atingiu os seus fins, pois os judeo-cristãos continuaram a frequentar aqueles lugares, confundindo-se com os pagãos, que ali faziam ritos semelhantes, ainda que antitéticos. Neste sentido, conclui S. Jerónimo que o imperador não conseguiu, como pretendia, apagar nas almas dos cristãos a fé na Ressurreição e na Cruz de Cristo. Não é de admirar, portanto, que, quando em 13 de Setembro de 326, por indicação de um habitante de Jerusalém, Santa Helena, mãe do imperador Constantino, descobriu a Cruz do Senhor, tenham sido logo demolidas as construções pagãs. Foi assim que vieram à luz outra vez os primitivos e venerados lugares cristãos, que foram então englobados num magnífico edifício Constantiano, consagrado no dia 13 de Setembro do ano 335, e que era formado pela basílica da Anástasis, que guardava no centro o Santo Sepulcro, o Triplo Pórtico, que abrigava o rochedo do Gólgota e o Martyrium, que guardava o lugar da crucifixão e morte do Senhor. No dia imediatamente a seguir à dedicação da Basílica, 14 de Setembro desse ano 335, teve lugar e origem a adoração da Cruz de Cristo, hoje, Festa da Exaltação da Santa Cruz. A peregrina Egéria, da Galiza, que em finais do século IV, visitou demoradamente os Lugares Santos, diz-nos que a Santa Cruz era então exposta à adoração dos fiéis duas vezes no ano: em 14 de Setembro e em Sexta-Feira Santa. Egéria descreve assim a adoração de Sexta-Feira Santa: «desde as 08h00 da manhã até ao meio-dia», «todos passavam, um por um: inclinam-se, tocam a Cruz com a fronte, e depois com os olhos a Cruz e a inscrição, a seguir beijam a Cruz e saem, sem que ninguém toque com a mão na Cruz» (Itinerarium, 36,5; 37,3).

2. E as coisas assim continuaram até ao ano 614, quando o persa Cosroé conquistou Jerusalém e levou consigo a Santa Cruz. Neste dia, rezam as diferentes crónicas que documentam o sucedido no dia 20 de maio de 614, que «a Jerusalém do Alto chorava sobre a Jerusalém de baixo», tal era o grau de destruição, fúria, ódio, violência, sangue. Mas, em 630, a Santa Cruz regressa a Jerusalém por obra do imperador bizantino Eraclio que, em 628, tinha derrotado o louco Cosroé. (D. António Couto)

O Prior - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXIV DOMINGO DO TEMPO COMUM
Caminharei na terra dos vivos,
na presença do Senhor
SEGUNDA, 13 – SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

 Leituras: 1 Tim 2, 1-8
 Lc 7, 1-10

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Gonçalves Coutinho
15.30 (Terço): M.^a do Carmo da Silva Fernandes e irmã Elvira
19.00 (Matriz): José Fernando Lopes Sousa (aniv.)

TERÇA, 14 – EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ

 Leituras: Num 21, 4b-9
 Jo 3, 13-17

09.00 (Senhor da Cruz): Lucília Leal Mancilha
 e Maria Adelaide Mancilha Ferraz
19.00 (Matriz): Palmira de Lima Gonçalves

QUARTA, 15 – NOSSA SENHORA DAS DORES

 Leituras: 1 Tim 3, 14-16
 Jo 19, 25-27

09.00 (Senhor da Cruz): António da Silva Ribeiro (aniv.) e esposa
15.30 (Terço – Intenções colectivas):
 - Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Confraria do Terço
 - Francisco Gerardo Veloso Rodrigues e esposa
 - Acção de Graças ao Santíssimo Sacramento
19.00 (Matriz): Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós

QUINTA, 16 – SÃO CORNÉLIO E S. CIPRIANO

 Leituras: 1 Tim 4, 12-16
 Lc 7, 36-50

08.00 (São José): José Narciso Costa Alves e sogros
09.00 (Senhor da Cruz): Joaquim Jesus Lopes Martins e esposa
15.30 (Terço): Maria de Lurdes Oliveira Barbosa
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 - Abílio Gomes Vilas Boas (16º aniv.)
 - Albina da Rocha Arantes e marido
 - Maria Emília Fernandes da Cunha Arantes
 - João Fernando Azevedo da Silva (1º aniv.)
 - Teresa Amorim Ferreira (7º dia)

SEXTA, 17 – SÃO ROBERTO BELARMINO

 Leituras: 1 Tim 6, 2c-12
 Lc 8, 1-3

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
 - José Gonçalves Duarte e familiares
15.30 (Terço): Jorge Martins da Silva Correia
19.00 (Matriz): António Ribeiro Monteiro e familiares

SÁBADO, 18 – SANTA MARIA

 Leituras: 1 Tim 6, 13-16
 Lc 8, 4-15

09.00 (Senhor da Cruz): Dulcínio Linhares de Sousa
 e esposa M.^a do Céu Fernandes
17.30 (S. José): M.^a Conceição Monteiro Soares, marido e filhos
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 - Maria Rosalina Lopes e filhos João Manuel e Domingos
 - Manuel Pereira Sousa Monteiro, esposa Maria Amélia e família
 - Isaurinha Peres Filipe, marido e filhos
 - Manuel Alves Cruz
 - Maria Lucília Figueiredo Torres (30º dia)
 - Maria de Fátima Dantas da Costa (1º aniv.)

DOMINGO, 19 – XXV DO TEMPO COMUM

 Leituras: Sab 2, 12. 17-20
 Tg 3, 16-4a, 3
 Mc 9, 30-37

09.00 (Senhor da Cruz): Rui Manuel Rodrigues Gonçalves
11.00 (Matriz): Pelo povo
15.30 (Terço): Augusto Dias Salgueiro, esposa e família
19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
 da Confraria das Almas

O «PESCOÇO» DA IGREJA

- Desengane-se quem pensa que o discurso eclesial é repetitivo e hermético ou que a linguagem teológica está condenada a ser monolítica e entediante. O vocabulário cristão é – além de fidedigno e organizado – imaginativo e mesmo inesperado.
- As metáforas, as alegorias e as parábolas sempre estiveram presentes. Aliás, o próprio Jesus apresentava-se como «pastor» (cf. Jo 10, 11-18), «videira» (cf. Jo 15, 1-8), «luz» (cf. Jo 9, 5), «caminho» (cf. Jo 14, 6) e até «porta» (cf. Jo 10, 9).
- Não admira, pois, que a Igreja seja apresentada – logo nos começos – como um «corpo» (cf. 1Cor 12, 27; Rom 12, 4-5; Col 1, 24). Desse «corpo», Cristo é a «cabeça» (cf. Col 1, 18; 1Cor 12, 27) e nós somos «membros» (cf. 1Cor 12, 27; Rom 12, 5; Ef 5, 30).
- E como se faz a ligação entre a cabeça e os restantes membros de um corpo? Obviamente pelo pescoço. Segundo uma tradição – com o peso de alguns séculos – o «pescoço» da Igreja é Maria.
- Consta que terá sido São Bernardino de Sena (1380-1444) o primeiro a aplicar a Maria a imagem de «pescoço» do Corpo de Cristo. Com essa imagem salvaguarda-se a pertença de Maria à Igreja e – ao mesmo tempo – a singularidade dessa pertença.
- Já no século V, Santo Agostinho assegurava que Maria

é um membro «santo, excelente e supereminente» da Igreja. Ela traz a «cabeça» ao resto do «corpo» e caminha com o resto do «corpo» para a «cabeça». Daí o acerto da conhecida máxima «por Maria a Jesus» («per Mariam ad Jesum»).

7. De resto, a figura do «pescoço» ilustra, com rara felicidade, o lugar de Maria na Igreja. Maria não é a «cabeça», mas «membro» do Corpo de Cristo. Não se trata, porém, de um membro qualquer: Ela está directamente unida à cabeça, pelo que os outros membros só o conseguem estar por intermédio do «pescoço».

8. Daí que o Concílio Vaticano II declare Maria como «tipo e figura» da Igreja. Raniero Cantalamessa opta, complementarmente, pelo termo «espelho». Que vê a Igreja em Maria? Vê humildade, despojamento, transparência. Ela não precisa de falar muito sobre Deus. Ela é soberanamente eloquente ao fazer transparecer Deus até à mais íntima medula do Seu ser.

9. Acresce que, enquanto «speculum» (espelho), Maria é igualmente «spes» (esperança). Como espelho, Ela é esperança para quantos querem seguir Jesus, no Seu novo corpo que é a Igreja.

10. Maria é Evangelho vivo, Evangelho em forma de vida. O Seu silêncio desponta como o melhor eco da Palavra eterna do Pai. Foi nas «páginas» da Sua existência que o Verbo começou a ganhar forma neste mundo!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 07.09.2021

EM OUTUBRO VAMOS A BALAZAR

Tentando uma certa normalidade na vida pastoral, agendamos para 17 de outubro, a nossa habitual Tarde Cultural. Desta vez iremos visitar Balazar e conhecer o dinamismo pastoral daquela Paróquia, a partir da Beata Alexandrina. Todos são convidados a participar, indo no seu próprio carro e oferecendo os lugares livres a quem não tem transporte. Por isso, eis o programa, já ajustado com o pároco local, P. Manuel Casado Neiva (conterrâneo do Prior):

14.15: Concentração dos carros junto à Matriz, onde aguardarão as pessoas que precisam de transporte;
 14.30: Partida para Balazar
 15.00: Acolhimento pelo Pároco e oração junto do túmulo da Alexandrina
 15.30: Adoração eucarística presidida pelo Prior (recomendo e apelo de modo especial aos MEC's e Confraria do SS. mo)
 16.00: Visita à Casa da Alexandrina e novos espaços catequéticos
 17.00: Convívio no parque, junto à Casa da Alexandrina
 18.00: Partida de regresso a Barcelos

.....
Não é uma dança que trará crianças e famílias à Igreja, não é a música ou a viola, nem a juventude ou alegria e iniciativas do padre. A única coisa válida que traz gente à Igreja e permite que permaneçam é o encontro sério, íntimo e pessoal com Jesus Cristo. O padre pode ajudar, mas quem acredita não sai, ainda que o seu Pároco o condene à morte. Jesus e só Jesus, fonte de felicidade aqui e depois, é o critério para ser e viver em Igreja.

P. Vítor Espadilha, sobre um vídeo viral, In Correio do Vouga, 07/07/2021

A VERDADE A QUE NÃO TEMOS DIREITO

“As pessoas costumam amar a verdade quando esta as ilumina, porém tendem a odiá-la quando as confronta” – Santo Agostinho.

Experimentem colocar esta frase no Facebook num grupo de direita e num grupo de esquerda. Em ambos os sítios vão ter inúmeros “likes” e corações. O que isto revela é que estamos na chamada pós-verdade, ou seja, cada um tem a sua verdade e interpreta a frase segundo a sua ideologia e a sua maneira de estar na vida pública. (...) Este tribalismo primitivo faz-nos recuar no tempo séculos e torna a nossa civilização um embuste tecnológico. A democracia deixou de ser o primado das maiorias, minimamente esclarecidas, para se tornar no domínio da alienante publicidade de mentiras feitas verdades ou vice-versa, fruto da ignorância ou da má-fé. Que diria Platão de tal civilização onde os mediocres têm mais relevo que os sábios? Que futuro nos espera quando a palavra dita ou escrita nada vale, porque não tem como base a honra, o rigor e a dignidade? (...) Neste momento histórico, não preciso reduzir ao absurdo para dizer que homens públicos com verdadeira estatura humana só conheço o Papa Francisco e, dentro de portas, o general Ramalho Eanes – o resto, com honrosas excepções, são uma espécie de clones em série, quiçá de outra espécie humanoide.

José Carlos Palha, V. N. Gaia, In Público 02.08.2021

CONSELHO ECONÓMICO – Vai reunir na próxima quinta-feira o Conselho Económico, às 21.30 no Cartório Paroquial, sempre com o objectivo de uma boa gestão dos bens da Paróquia.

NOSSA SENHORA DAS DORES – A 15 de Setembro celebra-se Nossa Senhora das Dores, fixadas estas a partir do século XIV como sendo 7:

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 20,00
- Família n.º 629 – 25,00
- Anónimo – 40,00

TOTAL DA SEMANA – 85,00 euros

A transportar: 25.931,75 euros
 Despesas até agora: 33.987,01 euros

1. A Apresentação de Jesus no Templo (“uma espada de dor trespassará a tua alma”);
2. A Fuga para o Egipto;
3. A perda de Jesus em Jerusalém (aos 12 anos);
4. O Encontro com Jesus a caminho do calvário;
5. A crucifixão;
6. A descida de Jesus da cruz;
7. Sepultura de Jesus.

ROBERT SCHUMAN E A VIRGEM MARIA



Robert Schuman (1886 – 1963) foi um homem de Estado, francês, que se tornou Ministro das Finanças, em 1946, num momento muito difícil, quando

da reconstrução do seu país. Em agosto de 1948, tornou-se encarregado das Relações Exteriores e sonhava com a unidade europeia:

“A Europa não se fará de um golpe, nem numa construção de conjunto: far-se-á por meio de realizações concretas que criem, em primeiro lugar, uma solidariedade de fato”. Toda a sua vida chega ao ápice no dia 9 de maio de 1950, quando ele deu a conhecer ao mundo a famosa “Declaração”, que constitui o ato de nascimento da Europa comunitária, a Europa unida.

“A Europa não é uma negação da pátria”, diz Robert Schuman. “Assim como a pátria não é uma negação da província natal”. Para Robert Schuman a Europa é, afinal, a realização de uma democracia generalizada, no sentido cristão da palavra. Em 1958, ele foi eleito, por unanimidade, Presidente da Assembleia parlamentar europeia, em Estrasburgo. O chanceler alemão Adenauer dizia que “foi graças à sua sabedoria e à sua coragem, que os fundamentos da reconciliação entre nossos dois povos e a construção de uma Europa unida foram implantados”.

Após os resposos fúnebres de suas exéquias, na Catedral de Metz, o féretro foi levado aos pés da Virgem, pois, Robert Schuman tinha grande veneração pela Mãe de Deus, deferência influenciada pelos escritos do Padre Luiz Maria Grignon de Montfort, como costumava dizer.

In Um minuto com Maria, 4/9/2021, Jeanne Tallier, na revista francesa « l'Etoile » N°162, de la Légion de Marie (Legião de Maria)

EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ– A festa litúrgica da Exaltação da Santa Cruz celebra-se na próxima terça-feira em todas as igrejas, mas com especial destaque no templo do Senhor da Cruz às 18.00. Todos os fiéis são convidados, de modo especial os Irmãos da Real Irmandade do Senhor da Cruz.